



NOTAS SOBRE LIBERDADE E AGÊNCIA NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER

Marcelo Vieira Lopes*

Resumo: Já na fase tardia de seu pensamento, Heidegger afirma que o conceito de ação, permanecia ainda equivocado, se pensado dentro do modelo causal. É com base nessa afirmação que buscaremos pensar o conceito de liberdade elaborado após *Ser e Tempo*. Através desse conceito, em um debate intenso com Kant, Heidegger apresenta o que podemos chamar de uma teoria da agência em termos não substancialistas. De acordo com Heidegger, haveria no tocante ao modo de ser da existência humana, uma necessidade de tomar o ente que a possui de forma completamente distinta dos termos de causa e efeito. Existência aqui visa única e exclusivamente o ente que não se discrimina por propriedades, mas antes por modos de ser. Uma teoria que busque responder à questão sobre o que significa para tal ente agir, deverá levar em consideração seu modo de ser específico. Vinculada à noção de possibilidade existencial se encontrará a liberdade, definida em termos não causais. Sou livre apenas na medida em que experimento minha existência como possibilidade. A liberdade, não apoia ou explica o Ser-aí, mas é o que o coloca diante de si em seu *poder-ser* e assim, diante de sua escolha finita.

Palavras-chave: Fenomenologia. Metafísica. Liberdade. Agência.

Introdução

Nos textos do período de 1927 a 1930, Heidegger busca dar uma resposta metafísica à questão do ser, tentando reelaborar uma significação positiva, nos termos de uma “metafísica científica” ou de uma “metafísica autêntica”. O problema consiste em determinar quais modificações adquire a metafísica do Dasein, como aprofundamento da analítica existencial, a partir do desenvolvimento do tema da liberdade. Dentro do tema da analítica existencial, é possível encontrar trabalhos que buscam elucidar a noção de possibilidade no período de Ser e Tempo em toda a sua amplitude. Através de uma análise exaustiva da noção de possibilidade na obra de Heidegger, principalmente em *Ser e Tempo*, afirma-se que o desenvolvimento dessa noção pode ser visto como uma superação da concepção metafísica do ente humano, caracterizada justamente por inseri-la no plano de uma inversão da prioridade tradicional da

* Mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: nerofil@live.com

atualidade sobre a possibilidade. Nesse sentido, “possibilidade” em *Ser e Tempo* aparece como mais saliente e relevante que a efetividade, rompendo com a compreensão do termo na metafísica tradicional. É com base na oscilação do conceito de possibilidade, tomado como não unívoco na obra de Heidegger, que encontramos as três acepções básicas em que o termo é tomado ao longo de *Ser e Tempo*. São elas: 1. Possibilidade (*Möglichkeit*); 2. Poder-ser (*Seinkönnen*) e 3. Possibilitar (*Ermöglichen*).

1 Acepções sobre Possibilidade

Partindo da primeira noção de possibilidade (*Möglichkeit*), pode-se compreendê-la enquanto caracterização do ente humano *qua* ser-no-mundo. Em outras palavras, a fenomenologia de Heidegger considera o modo de ser do *Dasein* como primariamente possibilidade, antes da mera efetividade, da presentidade, característica do modo de ser da subsistência. O *Dasein* como tal descobre a si mesmo como um ente movendo-se em horizontes temporais, movendo-se constantemente além dos dados atuais do presente, tanto para o futuro como para o passado. Estas dimensões temporais nos são próprias no modo de ausências, isto é, como possibilidades. É nesse sentido que Heidegger opera uma superação da compreensão hegemônica dos entes humanos como efetividade e presença. Também através dessa acepção estrita do termo possibilidade (*Möglichkeit*), é caracterizada a abertura como horizonte transcendental do *Dasein*. Em outras palavras, o possível aparece aqui como horizonte de transcendência, fundado na abertura para o tempo. Definindo assim o modo de nossa existência como possibilidade, superam-se as definições tradicionais do ente humano no interior da tradição metafísica em termos de presença. É com relação a essa acepção de possibilidade que surge a primeira ligação com o conceito de liberdade: sou *livre*, apenas na medida em que experimento minha existência como possibilidade. Possibilidade enquanto *Möglichkeit* apresenta-se em *Ser e Tempo* como o horizonte no qual o *Dasein* transcende toda a presença atual, projetando-se.

A segunda noção de possibilidade, o poder-ser (*Seinkönnen*), visa à habilidade do *Dasein* primeiramente para o projeto. O poder-ser é a condição *sine qua non* de toda a projeção de possibilidade na medida em que toda projeção é uma projeção do possível, ela ultrapassa a mera presentidade. O poder-ser (*Seinkönnen*) refere-se única e exclusivamente às possibilidades da existência humana. Em um nível mais abstrato, poder-se-ia dizer que enquanto as possibilidades (*Möglichkeiten*) são os projetos mesmos do *Dasein*, o poder-ser (*Seinkönnen*) é o poder de projeção que está à base de toda a projeção em possibilidades.

Nesse sentido, enquanto as possibilidades do *Dasein* são variáveis, seu poder-ser é constante. Característica de uma interpretação pós-metafísica, a noção de possibilidade encontrada na obra de Heidegger visa o reconhecimento desta como uma dimensão transcendente, o que leva imediatamente ao tema da liberdade nos textos posteriores a *Ser e Tempo*. Curiosamente, é através desse afastamento da noção tradicional metafísica do ser como ser-presente, que Heidegger voltar-se-á para o interior da própria metafísica entre 1927 e 1930. Já na explicitação do poder-ser (*Seinkönnen*) em *Ser e Tempo*, pode ser encontrado um primeiro traço de vinculação com aquilo que posteriormente viria a ser conhecido como o problema da liberdade na metafísica do *Dasein*. Poder-ser refere-se unicamente aos entes que são *Dasein*, como condição para que haja determinação e individuação, a saber, determinação por modos ou maneiras de ser. Assim considerado, o poder-ser relaciona-se diretamente com a temática da liberdade do período posterior a *Ser e Tempo*. Também Crowell indica para a direção em que Heidegger compreenderia a noção de possibilidade: como a raiz do significado de transcendência ou liberdade nos anos pós *Ser e Tempo*. É possível então encontrar, em um determinado período da obra de Heidegger, a tentativa de fundar completamente sua pretensão filosófica sobre uma compreensão da liberdade em um sentido qualificado, mas que logo foi abandonada, junto com as aspirações daquilo que Crowell chamou de “década metafísica” do pensamento heideggeriano.

No curso de 1928/29 *Introdução à Filosofia*, Heidegger fala da liberdade como a “essência mais íntima” da existência humana. Mas já em *Ser e Tempo*, esse tema se apresenta constantemente referido, por um lado com a capacidade de “liberar” os entes, característica do modo de ser do *Dasein*, e por outro, vinculado a temas como a escolha e decisão. Assim, o *Dasein* consiste em um ente com um modo distinto de ser, cuja particularidade consiste em sua livre projeção em possibilidades, isto é: “[...] a possibilidade como um existencial não significa o poder-ser flutuante no sentido da “indiferença do arbitrio” (*libertas indifferentiae*) [...] Mas isso significa: o *Dasein* é um ser-possível entregue à responsabilidade de si mesmo; é, de ponta a ponta, possibilidade lançada (*geworfene Möglichkeit*). O *Dasein* é a possibilidade do ser-livre para o poder-ser mais próprio” (HEIDEGGER, 2012, p.409).

O conceito de liberdade delineado pós *Ser e Tempo* é tanto próximo como distante de Kant. Ainda que em um algum nível permaneça preso à problemática kantiana, Heidegger tenta circunscrever e compreender como se pode ter uma experiência de mundo e de sua verdade, o que no *Kantbuch* será explorado em termos de temporalidade finita. A metafísica do *Dasein*, finita, aparece então em contraste com a metafísica infinita, ou absoluta, tal como uma doutrina metafísica como a de Hegel, por exemplo. Em Kant o sujeito que é

essencialmente livre, ao mesmo tempo, sempre corre o risco de perder essa liberdade - ela deve ser alcançada e mantida. A liberdade define a natureza da subjetividade, e ao mesmo tempo constitui sua tarefa, sempre a ser assumida novamente. Na interpretação heideggeriana de Kant, o que parece nunca ter sido descoberto pelo último, é que a liberdade é liberdade apenas “como condição de possibilidade da manifestabilidade do ser do ente, isto é, da compreensão de ser” (HEIDEGGER, 2012, p.342).

Para alguns comentadores debruçados sobre o problema, o pensamento de Heidegger é uma filosofia da liberdade do início ao fim (Figal), enquanto que para outros, como Ruin, sua “viragem” (*Kehre*) implica o abandono da ideia da liberdade humana como um remanescente metafísico. Para Figal, a completa análise do *Dasein*, como desvelamento e como verdade, pode ser reinterpretada como uma forma de compreender o que significa para o *Dasein* ser livre, e assim, a liberdade pode inversamente ser descrita como a questão mais fundamental do *Dasein*. A questão levantada por Ruin é responder em que medida o trabalho de Heidegger pode ser interpretado e descrito como uma filosofia da liberdade, isto é, em que medida a liberdade pode ser usada como um conceito heurístico no curso da interpretação de Heidegger como um todo. A liberdade, porém, não apoia ou explica o *Dasein*, mas é o que o coloca diante de si em seu poder-ser (*Seinkönnen*) e assim, diante de sua escolha finita. Isso implica uma compreensão da liberdade não em termos de fundação para o ser do *Dasein*, no sentido de uma explicabilidade última, mas antes, como um “evento neutro” através do qual o *Dasein* é situado diante e entre os entes. É nesse sentido que podemos caracterizar a noção de liberdade da metafísica do *Dasein* distinta do conceito metafísico tradicional de liberdade. Liberdade aqui tem muito mais o significado de desvelamento e verdade dos entes que se nos aparecem através dela, ganhando assim, uma *significação ontológica*. Liberdade diz respeito *ao poder transcender os entes em sua manifestabilidade, com vistas a seu modo de ser específico*.

Um passo além da mera caracterização da transformação da noção de possibilidade existencial como poder-ser (*Seinkönnen*), na noção ampla de liberdade, consiste em avaliar em que medida tal transformação pode ser qualificada como transformação na própria abordagem de Heidegger: *da analítica existencial para a metafísica do Dasein*. Algumas investigações recentes, buscam mapear a transformação do projeto da analítica existencial de *Ser e Tempo* em uma metafísica do *Dasein*: para Jaran, a partir de uma redefinição da essência do *Dasein* em termos de Cuidado (*Sorge*) de *Ser e Tempo*, para a noção de transcendência (*Transzendenz*), aponta para o fato de que o *Dasein* deve agora ser considerado desde uma perspectiva transcendente, melhor dizendo, “ultrapassante”, para o qual o termo “metafísica”

caberia perfeitamente para descrever essa característica do existente humano. Dentro dessa investigação, que tem por meta radicalizar os problemas metafísicos tradicionais, considera Heidegger que para além do questionamento ontológico dos entes, estes devem agora ser tomados no seu todo (*im Ganzen*). De acordo com a estrutura da metafísica do *Dasein*, Heidegger visa traçar um paralelo entre a ontologia fundamental de *Ser e Tempo* e a *Metafísica* de Aristóteles, através daquilo que veio a ser chamado de metontologia. Em sua unidade, ontologia fundamental e metontologia constituem o núcleo básico da metafísica do *Dasein*. Valendo-se da definição Aristotélica de *prote philosophia*, bifurcada por um lado em *ontologia* como conhecimento do ente enquanto ente, e por outro em *teologia*, no sentido do conhecimento do “ultrapassante” é expressamente vinculada aqui a noção de dois momentos do cuidado (*Sorge*), oriundas da analítica existencial, mais especificamente, as noções de Existência (*Existenz*) e ser-lançado (*Geworfenheit*).

Com relação a elaboração de uma teoria da agência no pensamento heideggeriano, a dificuldade reside no fato de que para a elucidação de para uma tal teoria, é patente que não se recorra a categorias de causa e efeito. Nesse aspecto, Heidegger pode ser contado em seu esforço de pensar a agência humana desvinculada de uma noção causal, tanto em sua discussão com Aristóteles como com Kant. Diferentemente da noção de uma razão prática em Aristóteles, por exemplo, em que a explicação da ação estão nos elementos daquilo que a tornam *racional*, ou que estão de acordo com a razão, a agência, elucidada fenomenologicamente, diz respeito antes ao que é *ser* um agente de tal e tal tipo. Nesse sentido, a ontologia heideggeriana não visa a correção da moralidade, a virtude, ou mesmo o dever, no caso kantiano. Ela busca antes, elucidar a *natureza da agência*.

A já citada crítica de Heidegger, expressa n'*A Carta sobre o Humanismo*, afirma que a ação mesma, isto é, o agir, é sempre identificado com a forma de alguma causa, vinculada a efeitos. A questão fica clara no registro de Heidegger contra a própria distinção de Aristoteles, em que o agente é a “causa” da ação. Para Heidegger, a “essência da ação” não é a causalidade, mas antes a realização (*Vollbringen*). Na concepção de agência elaborada por Heidegger, encontra-se excluída a noção de causalidade, por primeiramente, não encontrar-se de acordo com o modo de ser do ente humano. Antes de sermos entes que deliberam e possuem uma razão prática sobre as causas e os fins, a concepção heideggeriana afirma que antes de tudo somos entes cujo modo de ser é o Cuidado (*Sorge*). Assim, a fonte de toda a agência do ente humano não está na deliberação, mas naquilo que é a condição de possibilidade de todo agir, mesmo o agir moral, a saber, a “consciência” (*Gewissen*), que mostra ao ser-aí que seu ser é antes de tudo “Cuidado”. Aqui o tema da consciência não tem a

ver com uma concepção substancialista, mental, ou mesmo de caráter ético-moral. Consciência antes, está ligada aos temas da *decisão* expressos na divisão II de *Ser e Tempo*, onde encontram-se os temas da autenticidade/ inautenticidade. É através da *decisão* que encontra-se uma resposta para a agência em sentido heideggeriano. De acordo com Crowell, pode-se decidir algo sobre ou através da razão, mas antes, a força normativa dessa razão não deriva do status dela *enquanto* razão. De acordo com a interpretação de Gadamer, *Ser e Tempo* pode ser lido em aproximação com a filosofia prática de Aristóteles, onde *phronesis* é equiparada com *Gewissen*, isto, é com a consciência. É sobre essa base que pode-se afirmar que *Ser e Tempo* fornece na divisão I uma fenomenologia da *poiesis*, enquanto na divisão II, exhibe a *praxis* em seu modo autêntico – a *phronesis*.

Conclusão

A divisão II de *Ser e Tempo* mostra que a *Gewissen* só pode aparecer como fundamento último da *phronesis*, e por conseguinte, de toda a agência. A *phronesis* então é a virtude intelectual de toda a *praxis*, fundada como já observamos na “consciência”. Consciência essa que pode ser tomada em termos fenomenológicos como condição de possibilidade para o agir engajado no mundo cotidiano. Assim, a noção de agência em Heidegger, diferentemente dos modelos causais das teorias da ação compromete-se com um nível mais primitivo em termos de uma explicação para o que significa agir e ser um agente, anterior a qualquer tomada de posição com relação ao agir ético-moral, respondendo unicamente ao modo de ser característico do *Dasein*.

Referências

CROWELL, S. *Sorge or Selbstbewusstsein? Heidegger and Korsgaard on the Sources of Normativity*. **European Journal of Philosophy**, 15, pp. 315-333, 2007.

_____. **Subjectivity: Locating the first-person in being and time**. In R. Polt. *Heidegger's Being and Time. Critical Essays* (pp. 117-139). New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

_____. *Metaphysics, Metontology and the End of Being and Time*. **Philosophy and Phenomenological Research**, Vol. LX. No.2, March, 2000.

FIGAL, G. **Martin Heidegger: Fenomenologia da Liberdade**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Univeritária, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. **Philosophical Hermeneutics**. Translated And Edited By David E. Linge. University Of California Press, 2008.

GUIGNON, C. **Heidegger's concept of freedom, 1927-1930**. Interpreting Heidegger: Critical Essays, ed., D. Dahlstrom. Cambridge University Press, 2011: 79-105

HEIDEGGER, M. **Introdução à Filosofia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

_____. **História da Filosofia: de Tomás de Aquino a Kant**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. **Kant y el problema de la metafísica**. Traducción de Gred Ibscher Roth, Fondo de Cultura Económica, México, 1996.

_____. **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

_____. **Ser y Tiempo**. Traducción de Jorge Eduardo Rivera. Madri: Editorial Trotta, 2003.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. **Carta sobre o humanismo**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

_____. **Sobre a essência da liberdade humana: introdução à filosofia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.

_____. **The metaphysical foundations of logic**. Translated by Michael Heim Indiana University Press, 1984.

JARAN, F. Toward a Metaphysical Freedom: Heidegger's Project of a Metaphysics of Dasein. **International Journal of Philosophical Studies**, Vol. 18(2), 205-227.

OLAFSON, F. **Freedom and responsibility**. A Companion to Phenomenology and Existentialism. Edited by Hubert L. Dreyfus, Mark A. Wrathall, Blackell Publishing Ltd, 2006.

RUIN, H. **The destiny of freedom: in Heidegger**. Cont. Philos. Rev. (2008) 41:277–299.

VIGO, A. Libertad como causa. Heidegger, Kant y el problema metafísico de la Libertad. **Studia Heideggeriana**. Vol. 1. Heidegger-Kant, 2011. Editorial Teseo, 219-243.